

Uma controvérsia que põe em causa o caráter científico das correntes dominantes na antropologia

Antonio Paim

Quando da delimitação da reversa dos Ianomâmis, em Roraima, dizia-se que para os dez mil índios remanescentes daquela tribo havia nada menos que mil pastores estrangeiros. Travestidos de religiosos, na verdade seriam geólogos e outros tipos de especialistas cuja missão destinava-se a impedir que tivesse lugar a exploração das riquezas minerais ali existente, que teria impacto nocivo nas cotações de determinados daqueles produtos. Fundada ou não a boataria, o certo é que as tais reservas minerais permaneceram intocadas.

Já em relação aos antropólogos envolvidos com aquela tribo --como estando a serviço de causas menos nobres que a investigação científica-- não se trata de boato mas de fato comprovado. Resumida a história --contada em detalhes adiante-- antropólogo de renome resolveu bater de frente com a idealização dos indígenas posta em circulação pela chamada antropologia estrutural (Levi Strauss), segundo a qual forneceriam um modelo de sociedade igualitária, pacífica e feliz, do qual a civilização ocidental mais se afastaria. Ao contrário disto, o antropólogo norte-americano Napoleon Chagnon comprovou que viviam em estado de permanente beligerância.

Pois bem. Caberia passar em revista as observações de que partiu para proceder a tal constatação. Chagnon viveu entre membros daquela tribo na Venezuela e no Brasil, desde meados dos anos sessenta até meados da década de noventa e deu notícia dessa experiência em sucessivas publicações, a começar de um livro de 1968 (**Yanomamo: The Fierce People**). Precedentemente submetera ao Departamento de Antropologia, ao qual pertencia, como tese de doutoramento, o texto intitulado **Yanomamo Warfare. Social Organization and Marriage Alliances** (1966). Publicou ainda **Studying the Yanomamo** (New York, 1974) e **Yanomamo –The last Days of Eden** (1992). Chagnon obtinha cada vez maior audiência e começava portanto a incomodar aos partidários da tese contrária.

Ao invés de discutir o fato em si --o estado normal daquela tribo era o de beligerância, portanto muito distanciada do modelo posto em circulação pela antropologia estrutural.--, seus opositores o acusaram de haver provocado uma enfermidade epidêmica entre os índios. Essa acusação fora desde logo assumida por Patrick Tierney, que a tornou pública em 2000, no livro **Darkness in El Dorado**. A Universidade de Michigan e a American Anthropological Association constituíram equipes para investigar a veracidade da acusação e concluíram que era improcedente.

Napoleon Chagnon tornou-se um pioneiro na criação do que veio a ser denominado de sociobiologia e do estudo do comportamento ecológico. Nas tribos indígenas que estudou, reconstituiu cuidadosamente a estrutura dos casamentos, o que não havia ocorrido a outros pesquisadores. Graças a isto pode identificar outros elementos geradores de conflito entre tribos. E mais, que estas podem ocorrer inclusive no seio de uma mesma etnia. Um desses elementos seria a escassez de mulheres.

Consagrado como cientista, ao completar 35 anos de atividade acadêmica, neste ano de 2013, deixou registrado o seu testemunho histórico num livro que denominou desta forma: **Noble Savages. My life Among Two Dangerous Tribes –The Yanomomo and the Anthropologist**. O **New York Times** deu grande destaque ao caráter polêmico e inovador desse trabalho. Inclusive transcrevendo parte dessa matéria na edição semanal (**The New York Times International Weekly**) razão pela qual foi incluído na edição brasileira desse suplemento, a cargo da **Folha de São Paulo** (edição de 4/03/2013). Vale a pena transcrever parte dessa nota.

“Como eram nossos ancestrais quando eles deixaram de ser caçadores para formar sociedades mais complexas? O antropólogo Napoleon Chagnon pode ter sido quem mais perto chegou da resposta, após 35 anos de estudo do povo ianomâmi do Brasil e da Venezuela.

Seu novo livro, “Nobre Savages” (Bons selvagens) é uma aventura escrita mostrando como Chagnon aprendeu a sobreviver numa cultura e em um ambiente completamente estranhos, entre aldeias envoltas em guerras perpétuas e onças que perseguiram suas pegadas pela selva. A obra revela como o autor gradualmente remontou o funcionamento da sociedade ianomâmi, questão de grande relevância para a evolução humana recente.

Na década de 1960, quando Chagnon visitou os ianomâmis pela primeira vez, eles eram provavelmente o povo que mais próximo vivia de um “estado natural”. Sua belicosidade não havia sido reprimida pelas potências coloniais. Eles haviam ficado tanto tempo isolados, inclusive de outras tribos amazônicas, que sua língua tinha pouco ou nenhuma relação com qualquer outra. Com apenas 25 mil indivíduos em 250 aldeias, os ianomâmis caçavam, cultivavam bananas e se atacavam incessantemente.

Uma das descobertas de Chagnon foi a de que os guerreiros que haviam matado um homem em combate tinham três vezes mais filhos do que aqueles que não matassem.

Seu trabalho, publicado em 1988, causou uma tempestade entre os antropólogos que acreditavam que a paz, e não a guerra, seria o estado natural da existência humana. Chagnon parecia estar dizendo que a agressão era recompensada e poderia ser herdada.

O viés geral da teoria antropológica é fortemente marxista, escreve Chagnon. Seus colegas insistiam que os ianomâmis estavam lutando por

recursos materiais enquanto Chagnon relacionava as brigas com algum bem mais básico --o acesso a moças em idade de casar.

Os homens formam coalizões para terem acesso às mulheres. Como alguns homens serão capazes de ter muitas, os outros precisam dividir a mulher ou ficar sem, criando uma grande escassez de mulheres. Por isso, as aldeias ianomâmis atacavam-se mutuamente.

Isso cria um problema mais complexo: manter a coesão social necessária para a guerra. Brigas por mulheres são um fator importante que leva uma aldeia a se dividir. Mas uma aldeia menor fica menos capacitada a se defender. A estratégia mais eficiente para manter uma aldeia ao mesmo tempo grande e coesa, por meio de laços de parentesco, é pelo casamento entre primos de duas linhagens masculinas. Chagnon concluiu que esse é, de fato, o sistema geral dos ianomâmis.”

Em conclusão, o jornal faz esse registro: “Nobre Savages” é um notável testemunho do esforço de 35 anos de um antropólogo --originalmente formado em engenharia--para destrinchar o complexo funcionamento de uma sociedade humana intocada.” De nossa parte acrescentaríamos que a maneira encontrada por seus opositores para combatê-lo mostra como as correntes dominantes na antropologia de nosso tempo estão longe de revestirem-se de qualquer caráter científico.